



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA

**PERCEPÇÃO DOCENTE E DISCENTE ACERCA DO TEMA
SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE UM
MUNICÍPIO DA SERRA GAÚCHA**

Natanaeli Dallelaste

Lajeado, junho de 2023



Natanaeli Dallelaste

**PERCEPÇÃO DOCENTE E DISCENTE ACERCA DO TEMA
SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE UM
MUNICÍPIO DA SERRA GAÚCHA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora Prof. Me. Cátia Viviane Gonçalves

Lajeado, junho 2023

Natanaeli Dallelaste

**PERCEPÇÃO DOCENTE E DISCENTE ACERCA DO TEMA
SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE UM
MUNICÍPIO DA SERRA GAÚCHA**

A banca examinadora abaixo aprova a monografia apresentada ao graduação em Ciências biológicas licenciatura, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de licenciada em Ciências Biológicas.

Prof. Me. Cátia Viviane Gonçalves - orientadora
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES

Prof. André Jasper
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES

Prof. Jaqueline Flores de Souza
Instituto Estadual de Educação Professora Irmã Teofânia

Lajeado/RS, 27 de junho de 2023

RESUMO

O conceito de sexualidade é amplo e está presente em todas as etapas da vida. No contexto escolar, os documentos obrigatórios são pouco abrangentes em relação à temática e os estudantes acabam obtendo conhecimento em outros meios. Este trabalho teve como objetivo analisar a percepção de docentes e discentes de uma escola de ensino médio sobre o tema sexualidade. O estudo foi realizado em uma escola no município de Garibaldi (RS), na Serra Gaúcha. A coleta de dados consistiu na aplicação de dois questionários, sendo um destinado aos docentes, respondido de forma online, e outro aos discentes, respondido presencialmente. O questionário incluiu questões de múltipla escolha e perguntas abertas. As respostas de múltipla escolha foram tabuladas, gerando gráficos e percentuais, enquanto as respostas abertas foram submetidas à análise de conteúdo e categorização de termos similares. Ao total foram 55 participantes. Os resultados indicaram a falta de formação atualizada dos professores em relação à temática estudada, além da sexualidade ser abordada de forma superficial, sem atender a vivências da contemporaneidade. Por sua vez, os estudantes associam principalmente a sexualidade ao conceito de gênero e demonstram interesse em tópicos como infecções sexualmente transmissíveis, gênero, prevenção e orientação sexual. Os resultados evidenciam a necessidade de abordar a sexualidade no contexto escolar de forma mais abrangente, levando em consideração as diversas formas de vivenciá-la na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação Sexual. Escola. Currículos. Adolescentes.

ABSTRACT

The concept of sexuality is broad and is present in all stages of life. In the school context, mandatory documents are not comprehensive in relation to the subject and students end up obtaining knowledge in other ways. This work aimed to analyze the perception of teachers and students of a high school on the subject of sexuality. The study was carried out in a school in the municipality of Garibaldi (RS), in Serra Gaúcha. Data collection consisted of the application of two questionnaires, one for teachers, answered online, and the other for students, answered in person. The questionnaire included multiple-choice and open-ended questions. Multiple choice answers were tabulated, generating graphs and percentages, while open answers were subjected to content analysis and categorization of similar terms. In total there were 55 participants. The results indicated the lack of up-to-date training of teachers in relation to the subject studied, in addition to sexuality being approached superficially, without taking into account contemporary experiences. In turn, students mainly associate sexuality with the concept of gender and show interest in topics such as sexually transmitted infections, gender, prevention and sexual orientation. The results show the need to address sexuality in the school context in a more comprehensive way, taking into account the different ways of experiencing it in contemporary times.

Keywords: Sex Education. School. Resumes. teenagers

SUMÁRIO

RESUMO	3
1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Significando: Sexo e sexualidade	7
1.2 Sexualidade no contexto familiar	10
1.3 Concepção de Educação Sexual / Orientação Sexual	11
1.4 Escola na contemporaneidade	18
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 Área de Estudo	21
2.2 População e Amostra	22
2.3 Instrumento de coleta de dados	24
2.4 Análise de dados	25
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
3.1 Universo professores	26
3.2 Universo estudantes	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é vivenciada em todas as fases da vida. Seu conceito é muito abrangente, desde o reconhecimento do corpo até desejos e valores (ASSIS *et al.*, 2021). Nos dias atuais, a discussão acerca do tema sexualidade é de extrema importância principalmente entre os adolescentes, todavia a escassez de informações e a insegurança fazem parte do cotidiano. À vista disso, é reconhecida a necessidade de uma maior aproximação entre o adolescente e adultos que possam ser referência para a abordagem do tema sexualidade (BARBOSA *et al.*, 2019).

No Brasil, as informações relacionadas à sexualidade no contexto escolar sofrem restrições e ainda são consideradas tabus. Professores citam a importância da abordagem da educação sexual no processo de formação (EW *et al.*, 2017), porém, documentos como a BNCC, considerado obrigatório no contexto escolar, se tornam pouco inclusivos referentes ao tema. Essa falta de inclusão gera discussões sobre abordar ou não a temática em sala de aula (SILVA, 2017).

Os adolescentes, muitas vezes desprovidos de informações adequadas sobre saúde sexual, acabam iniciando sua vida sexual sem proteção, o que acarreta em futuras consequências, como as ISTs (EW *et al.*, 2017). É crucial fornecer um espaço seguro e educativo para que os adolescentes possam discutir abertamente sobre sexualidade e receber orientações adequadas para tomar decisões conscientes (LEITE; MEIRELLES, 2021). Essa é uma das razões pelas quais os professores também necessitam de uma formação de qualidade, que seja clara e objetiva, para que possam abordar esses assuntos com segurança e confiança (MAROLA *et al.*, 2011).

Diante dessas questões, surge a necessidade de investigar a percepção dos estudantes e professores em relação ao tema da sexualidade, assim como as

curiosidades dos alunos contemporâneos sobre esse assunto. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a visão e compreensão dos docentes e discentes de uma escola de ensino médio da Serra Gaúcha sobre essa temática. Para isso, os objetivos específicos incluem analisar a abordagem dos professores em relação ao tema e aos documentos estabelecidos, investigar as possíveis formações dos docentes nessa área, descrever as percepções dos alunos sobre o tema e avaliar as necessidades dos discentes, considerando a realidade vivenciada por eles

1.1 Significando: Sexo e sexualidade

A sexualidade é um conjunto de princípios no qual indivíduos vivenciam ao longo da vida e não se restringe apenas ao ato sexual ou aparelhos genitais. Ao longo dos séculos, o sexo e a sexualidade são palavras com definições e características diferentes, que possivelmente são confundidas referindo-se como sinônimas. A origem da palavra sexo datado no século XII, está relacionado com características biológicas de homem ou mulher, genitalidade e ao ato sexual (SENEM; CARAMASCHI, 2017). Atualmente, a sociedade estabelece como padrão e correto o heterossexual (homem e mulher) e tudo que foge desse conceito são considerados motivos de tabu e discriminação (WALCZAK; SANTOS, 2020; ASSIS *et al.*, 2021).

Os conceitos sobre sexualidade foram construídos conforme influências antropológicas assim como o contexto histórico, social e cultural em que estavam inseridos (BEARZOTI, 1993; MAROLA *et al.*, 2011; SENEM; CARAMASCHI, 2017; ASSIS *et al.*, 2021).

Analisando o contexto histórico da sexualidade, um dos primeiros momentos deste tema foi visto como sexualidade primitiva, dando origem ao esquema matriarcal, onde homens saíam para a caça e mulheres permaneciam em seus lares com o intuito de administrar. É a partir do décimo ao oitavo milênio a.C, em destaque no Oriente Médio, que o modelo patriarcal se fortalece, onde a mulher é submissa ao homem, como um ser inferior. Através da Reforma protestante no século XVI, as manifestações em relação ao sexo foram contidas e controladas, influenciando igrejas a acatar os mesmos princípios (SENEM; CARAMASCHI, 2017).

No final do século XVIII, através da pedagogia, medicina e economia o sexo se tornou questão do Estado. A sexualidade deixou de ser governada pela religião para ser governada pela medicina, que envolve o sexo como algo natural e não como um pecado. Em meados do século XIX, a medicina criou programas em relação à higiene, devido ao cuidado com a saúde das pessoas (SENEM; CARAMASCHI, 2017).

Ao final do século XIX através de grandes nomes como Darwin, Freud, Marx, que a sexualidade foi vista com mais liberdade, devido a elaboração de questões que possibilitaram maiores entendimentos sobre vivências da sexualidade. Podemos destacar que no último século, a sexualidade está sendo menos vista como algo religioso “por influência da medicina, da psicanálise, da psicologia, da sociologia, da educação, bem como das mudanças sociais e econômicas” (SENEM; CARAMASCHI, 2017, p. 185).

A liberdade sexual era conhecida pelos gregos e romanos, na qual não existia discernimento sobre pecado e moralismo. Entretanto, no surgimento do Cristianismo o conhecimento é transfigurado pela criação da moralidade que, restringia o sexo apenas para casais e de intuito para procriação. No entanto Freud no século XX, através do estudo da medicina expandiu o conceito de sexualidade além da genitalidade e libertou a visão imposta pelos princípios cristãos (MAROLA *et al.*, 2011).

Citados pelos autores Bearzoti (1993) e Senem & Caramaschi (2017), Sigmund Freud (1856-1939) relata que a sexualidade está presente em todas as fases da vida do indivíduo. Na infância inicia os instintos sexuais e na vida adulta a sexualidade é compreendida através das experiências vividas na sexualidade infantil. Através do pensamento psicanalítico freudiano, Bearzoti (1993, p. 5) define a sexualidade como energia vital “instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação”.

O conceito de sexualidade terá sempre possibilidades de novas significações devido ao contexto histórico. Segundo Senem & Caramaschi (2017, p. 173):

Compreender a sexualidade em seu processo de contínua transformação é condição necessária para identificar as diversas formas e modos de vivenciá-la. Reconhecer suas diferentes configurações ao longo da história das sociedades, e identificar processos, padrões e normatizações que influenciaram sua constituição é primordial para a sua vivência de forma crítica, reflexiva, contextualizada e emancipada.

A história e a cultura são suscetíveis a modificações, mas nos últimos anos (especificamente anos 90), as transformações têm se tornado mais visíveis. Novas informações, técnicas, formas de relacionamentos e hábitos foram explorados e visivelmente notaram uma diversidade cultural que antes parecia ser inexistente. Essas transformações não devem ser desconsideradas, pois elas fazem parte das novas formas de vida (LOURO, 2008).

Em torno de 1960, jovens, negros, mulheres, denominadas a minoria, lutavam com um propósito de tornar visíveis outros estilos de vida. Atualmente as diferentes formas de amar, prazeres e desejos são abundantes, e se diferem de cultura para cultura. Os indivíduos são ensinados a compreender gênero e sexualidade por meio dos repetidos ensinamentos da mídia, religião, ciência e direito, bem como contemporaneamente por meio dos movimentos sociais e das diversas perspectivas sobre a sexualidade (LOURO, 2008).

Portanto, a definição de sexualidade vai muito além da genitalidade. Segundo a Organização da Nações Unidas (OMS, texto digital), o conceito da sexualidade abrange o sexo, identidade, gênero, orientação sexual, prazer, intimidade e reprodução que são influenciados por desejos, atitudes, comportamentos e valores na qual os sujeitos se descobrem. Compreende-se que as vivências sexuais “envolve processos sociais, culturais e históricos, nos quais marcadores como idade, raça/etnia, nacionalidade, classe social e orientação sexual” (EW *et al.*, 2017, p. 51) fazem parte e refletem que limitar o conceito de sexualidade a dimensão biológica, não expressa a definição inclusiva e abrangente da contemporaneidade (CAMARGO; NETO, 2018) além da desconsideração com o contexto histórico e social (WALCZAK; SANTOS, 2020).

Porém, restringir o conceito de sexualidade ao ato sexual e reprodução é frequente entre os adolescentes e por este motivo que o conhecimento adquirido durante as etapas da vida devem ser integradoras, pensando no conhecimento do seu corpo, sentimentos, prazeres, entre outros (BARBOSA *et al.*, 2019).

1.2 Sexualidade no contexto familiar

Alguns dos pilares responsáveis pela formação do indivíduo são a família, escola e a igreja (LOURO, 2008; ASSIS *et al.*, 2021). A família é um dos pilares responsáveis pela educação estando presente em todas as fases do desenvolvimento do indivíduo, e é através do meio em que vive que ela obtém conhecimentos que carrega para a vida (BARBOSA *et al.*, 2019).

Segundo Barbosa *et al.* (2019) o primeiro momento da introdução acerca do tema sexualidade na vida do adolescente é responsabilidade da família e em seguida do contexto escolar. Pais e responsáveis retrocedem ao assunto por falta de conhecimento ou inseguranças, acreditam que não é um momento adequado devido a idade, e até mesmo pensam que dialogar com o filho sobre sexualidade pode antecipar a prática sexual. A fase de transição da adolescência é um momento de reflexões entre a infância e a vida adulta, e os adultos precisam estar preparados para atender as necessidades, acolher e entender esta fase, além de compreender que independente da idade, a sexualidade faz parte do cotidiano de todos e que as dúvidas precisam ser esclarecidas para que a sexualidade possa ser algo tranquilo e seguro na vida do indivíduo (BARBOSA *et al.*, 2019). Entretanto, para Assis *et al.* (2021) a influência do indivíduo não depende somente da família, mas também de amigos e redes sociais em que se encontra.

De acordo com estudos realizados e pela visão de Barbosa *et al.* (2019, p. 39-40):

É provável que a forma como os pais foram educados sexualmente, e a falta de preparo sejam fatores impeditivos para a abordagem do tema sexualidade no contexto familiar, perpetuando-se, desse modo, a deseducação sexual. Pode-se inferir, ainda, que há uma influência de elementos culturais no contexto familiar, levando a afirmar que o diálogo entre os pais e a filha muitas vezes é limitado.

1.3 Concepção de Educação Sexual / Orientação Sexual

Para obter padrão nacional, a escola segue leis e parâmetros na qual orientam professores na construção dos currículos. Com o objetivo de progredir com a educação, em dezembro de 1996 foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 que organiza o sistema educacional (ASSIS *et al.*, 2021).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) foram elaboradas juntamente com a Lei da LDB, em 1996. Através do Conselho Nacional de Educação (CNE), as DCNs são consideradas normas obrigatórias, onde orientam a formulação dos currículos da educação básica. As ideias das DCNs são nortear os conteúdos, visando os contextos necessários em que a região está inserida. Além disso, esta lei envolve as DCNs da educação infantil, ensino fundamental e médio e também para a formação de professores (MENEZES, 2001).

O Ministério da Educação (MEC) desenvolveu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs é um documento não obrigatório mas que serve de referencial para professores e tem o intuito de orientar e manter compatibilidade com o sistema educacional. Os PCNs do ensino fundamental são organizados em 10 volumes, sendo alguns de disciplinas obrigatórias e outros de temas transversais, entre eles o volume 10.5 “orientação sexual” (ASSIS *et al.*, 2021). Vale ressaltar que os Temas Transversais estão presentes apenas nos PCNs do ensino fundamental, sendo excluído dos PCNs do ensino médio (LEITE; MEIRELLES, 2021).

Camargo e Neto (2018) citam estudos que foram realizados com estudantes universitários, onde o tema sexualidade gera grandes adversidades e quando envolve adolescentes o tema se torna ainda mais confuso. Por conseguinte, o tema sexualidade é disposto através dos PCNs como um tema transversal expressado em múltiplas áreas de conhecimento (CAMARGO; NETO, 2018). Segundo Silva (2017, texto digital):

Orientação sexual é a indicação de práticas educativas planejada, estruturada e pensada a fim de adquirir conhecimentos relacionadas a sexualidade. Conceito esse, que foi a escolha para utilizar nos Parâmetros

Curriculares Nacionais – PCNs, como sendo o mais apropriado, por ser uma ação educativa que pode ocorrer na escola.

Leite e Meirelles (2021, p. 41) citam Dinis e Asinelli-Luz (2007) na qual discutiam sobre a denominação “Orientação Sexual” que deveria se chamar “Educação Sexual” visto que “uma vez que o termo Educação Sexual deve ser preferencialmente aplicado quando há a pretensão de referir-se ao processo de educação contínua e originária de processos culturais acumulados ao longo da vida dos sujeitos”.

Um dos objetivos gerais da “Orientação Sexual”, é que os alunos desenvolvam uma sexualidade responsável e prazerosa. No volume 10.5 dos PCNs do ensino fundamental, a expressão é dividida em 3 eixos norteadores: 1) “Corpo: Matriz da sexualidade”; 2) “Relações de gênero”; 3) “Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS”¹. Para definir os conteúdos dos 3 eixos, teve como objetivo focar na necessidade dos trabalhos a serem realizados em cada área, a fim de promover informações básicas relacionadas à sexualidade (BRASIL, 1998).

No primeiro eixo, os PCNs têm como objetivo reconhecer o corpo, refletindo na auto-estima e autonomia com enfoque na identidade pessoal, onde o aluno consegue construir discernimentos e princípios do seu corpo. Este tema alcança o saber das transformações na puberdade, assim como a saúde sexual visando os cuidados necessários consigo e com o próximo. Vale ressaltar que as informações a serem trabalhadas devem obter correlação com significados culturais, assim como valorizar o conhecimento prévio do aluno para que ninguém se sinta exposto perante os demais. Além disso, nos três eixos são mencionados exemplos de como trabalhar o conteúdo nas diversas áreas (BRASIL, 1998).

O segundo eixo “Relações de gênero” deixa claro que o “gênero” é uma construção social, diferente do “sexo” que se refere ao corpo físico (genitalidade). O propósito deste eixo é debater a inflexibilidade dos padrões estabelecidos para homem e mulher e significar para a sua transformação, pois apesar das mudanças

¹ A expressão “Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)” foi substituída pela expressão “Infecção Sexualmente Transmissíveis (ISTs)”, visto que uma pessoa sem sinais e sintomas, pode ter uma infecção e transmiti-la (Ministério da Saúde, site digital).

que vêm ocorrendo ao longo dos anos em relação aos costumes e valores, a discriminação ainda se faz presente nesse contexto, além disso, se pretende abordar esta temática relacionando as vivências em sexualidade descobrindo novas formas criativas de se relacionar (BRASIL, 1998).

No eixo “Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS” a perspectiva deve ter como foco a saúde e a prevenção. As informações trazidas devem ser sempre atualizadas, com o contexto histórico, além de diferenciar o portador e o doente da AIDS, e como é realizado o tratamento. Além disso, as escolas podem criar parcerias com unidades de saúde onde o estudante tenha acesso facilitado, permitindo que ele se sinta mais à vontade e possa sanar suas dúvidas (BRASIL, 1998). Os PCN’s enfatizam que o objetivo primordial da escola é socializar questões que foram repostas pela sociedade contemporânea afetando diretamente o desenvolvimento do indivíduo (SILVA, 2017).

O PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio) conta com 8 volumes divididos por área de conhecimento. No volume relacionado a "Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias" não ocorre citação relacionada à sexualidade ou gênero, diferente dos PCNs do ensino fundamental (LEITE; MEIRELLES, 2021).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo obrigatório com habilidades e competências na qual é denominada como referência nacional para formação de currículos, onde docentes desenvolvem conteúdos para cada etapa da educação básica. Este documento assegura os direitos de aprendizagem, além de “formar uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. (BRASIL, 2017, p. 7)

No ensino fundamental, a BNCC na área de ciências da natureza traz conteúdos que envolvem a sexualidade. No 1º ano do ensino fundamental, na temática “Vida e evolução” tem como objeto de conhecimento “Corpo humano e respeito à diversidade” que envolve habilidades como o reconhecimento do corpo e uma perspectiva envolvendo saúde com foco na higiene. Nos anos finais, mais específico no 8º ano, na temática “Vida e evolução” tem como objeto de

conhecimento “Mecanismos reprodutivos e sexualidade” cuja as habilidades tem foco em reprodução dos seres vivos, evolução hormonal, métodos contraceptivos, saúde sexual e discussões que envolvem a sexualidade em contexto biológico, afetivo, sociocultural e ético (BNCC, 2017).

No ensino médio, a proposta definida pela Lei nº 13.415/2017, do “Novo ensino médio”, além das áreas do conhecimento obrigatórias, possui os itinerários formativos:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (LDB, Art. 36; ênfases adicionadas). (BNCC, 2017, p. 475)

Segundo Silva (2017), até 2016 a BNCC possuía uma competência geral onde era citado “orientação sexual”. Até que no dia 08/04/2017, foi apresentada a 3ª versão da BNCC em Brasília, onde a expressão “orientação sexual” foi eliminada. Em 2014, o novo PNE foi aprovado, onde não mencionava sexualidade, e desta forma, na nova BNCC a expressão foi retirada, de uma forma facilitada, sendo um tema desconsiderado na educação escolar. A dúvida que permanece é se as escolas irão incluir esta temática no currículo, vivenciando a realidade e os diversos modos de pensar.

Na BNCC do ensino médio não ocorre citação aos termos gênero e sexualidade. Isto se torna um obstáculo em relação à abordagem do tema, visto que é um documento referencial para a elaboração dos currículos da educação básica (ASSIS *et al.*, 2021; LEITE; MEIRELLES, 2021). Antes da BNCC ser aprovada, o documento teve 3 versões diferentes, justificando-se que a temática iria acarretar muitas discussões e exposições na mídia. A vista disso, com a retirada dos termos “gênero” e “sexualidade” da BNCC, ampliou-se a ideia de que esses conteúdos não devem ser abordados em sala de aula (ANTUNES; DUQUE, 2021).

Os documentos curriculares não são considerados neutros, proporcionando sujeitos rotulados e padronizados, ignorando a presença da diversidade cultural dentro de escolas (WALCZAK; SANTOS, 2020). Apesar de 20 anos de diferença entre a criação dos PCN's e BNCC, houve pouco avanço para a contribuição da discussão sobre a diversidade sexual, principalmente na BNCC, um documento referencial obrigatório para as escolas que acaba limitando a temática na área de ciências da natureza (ASSIS *et al.*, 2021; ANTUNES; DUQUE, 2021). Pensando no contexto histórico, Silva (2017) cita que não é correto retirar dos documentos referenciais a “orientação sexual”, visto que essa temática conquistou e deveria continuar conquistando seu lugar nos currículos escolares.

Em dezembro de 2018, nas etapas do ensino fundamental e médio foram introduzidos na BNCC (versão final) os “Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)”, na qual trazem temas da atualidade e de interesse e relevância dos alunos para seu futuro desenvolvimento como cidadão. Os Temas Transversais nos PCNs não são obrigatórios, mas na BNCC os TCTs “passaram a ser uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação dos currículos e propostas pedagógicas” (BRASIL, 2019, p.11). Dentre essas mudanças, ocorreu também a ampliação dos Temas Transversais. Nos PCNs eram seis temas, já na BNCC são seis temáticas gerais (Cidadania e Civismo, Ciência e Tecnologia, Economia, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Saúde) que no total abordam 15 Temas Contemporâneos. Vale ressaltar que a BNCC não substitui os PCNs, mas deve ser referida como um documento que orienta a formulação dos currículos através da legislação atual. (BRASIL, 2019). Nesses novos temas atribuídos, salienta-se que a temática sexualidade não está presente como um tema abrangente.

É considerável que a temática “gênero e sexualidade” na escola é de extrema importância, dispendo-se além do conhecimento científico, o conhecimento social e cultural, propondo uma sociedade mais justa e democrática, respeitando a individualidade de cada um. É um espaço privilegiado para construção de saberes, onde é possível “problematizar, questionar, criticar, refletir e discutir”, devido a presença da diversidade, proporcionando trocas de conhecimentos além das possibilidades de trabalhar a temática (WALCZAK; SANTOS, 2020, texto digital).

No âmbito escolar, a abordagem do tema sexualidade usualmente é responsabilidade de professores atuantes em ciências e biologia que restringem o conhecimento a reprodução, genitalidade e saúde, onde poderiam ser construídos saberes nas quais o sujeito compreenda a se relacionar consigo mesmo e com o próximo, como um conhecimento libertador (LEITE; MEIRELLES, 2021). Os demais professores de outros componentes curriculares se sentem despreocupados e não sentem a responsabilidade de trazer o assunto para a sala de aula (MAROLA *et al.*, 2011).

A formação dos educadores acerca do tema sexualidade é de suma importância. Professoras e professores não devem considerar o conhecimento como algo certo ou errado (EW *et al.*, 2017). Alguns professores carregam consigo as suas experiências, crenças e religiões, ao abordar o tema na escola (WALCZAK; SANTOS, 2020). Porém a posição dos mesmos deve ser pensada no outro, sem julgamentos particulares, mantendo o respeito, na qual o indivíduo em aprendizagem tenha a liberdade de conhecimento, na construção dos saberes, refletindo a sua relação consigo mesmo e com o próximo, com base na diversidade de vida e respeito às diferenças (EW *et al.*, 2017; LEITE; MEIRELLES, 2021).

A formação dos docentes que trabalham com adolescentes deve ser mais clara e objetiva, focando na realidade da região inserida, além retratar temas como crenças e tabus com base na diversidade social para que os profissionais se sintam mais seguros ao abordar temas relacionados à sexualidade (MAROLA *et al.*, 2011). De acordo com estudos realizados por Walczak e Santos (2020), profissionais da educação da escola básica, possuem uma visão de preconceito e não-aceitação em relação a identidade dos sujeitos, revelando a necessidade de compreensão e formação destes profissionais. Destaca-se a importância da formação de futuros educadores, para que desde o início propostas interdisciplinares possam ser incluídas a fim de minimizar futuras dificuldades na profissão (BARBOSA *et al.*, 2019).

Muitos professores/as se sentem psicologicamente e teoricamente despreparados aos desafios instituídos, deixando de lado a abordagem da temática. Por isso, “A leitura, a formação continuada, as discussões em reuniões de

professoras/es podem ser medidas importantes” para uma abordagem mais segura, além de problematizar o contato que professores ou futuros professores possuem em relação a sexualidade em ambiente formativo (ANTUNES; DUQUE, 2021, p.12).

Mas porque o assunto sexualidade, além da saúde pública, não é abordado por docentes? De acordo com estudos realizados por Schimamoto (2004) e Lira e Jofili (2010) citados por Assis *et al.* (2021), professores possuem receio de abordar sexualidade em sala de aula por se tratar de um tema abrangente e polêmico, além de possuírem dificuldade para responder as perguntas feitas pelos educandos e inúmeras vezes obter falas preconceituosas. Estes motivos reforçam ainda mais a importância da capacitação de professores, de formações continuadas, com maior qualificações (BARBOSA *et al.*, 2019). Além disso, por ser um tema que envolve a intimidade e princípios do sujeito, muitas famílias não aceitam que a temática seja abordada. Alguns professores, ao trabalhar o tema, sentem confiança nos livros didáticos de ciências, reforçando a sexualidade como saúde pública (MAROLA *et al.*, 2011).

Professores não estão devidamente preparados para abordar a educação sexual em sala de aula e para que os mesmos possam desenvolver uma construção de conhecimento abrangendo saúde, prevenção e valorização do sujeito, precisam obter uma visão crítica e um conhecimento técnico, onde possam falar abertamente sobre o tema, discutindo sobre tabus e preconceitos que são vivenciados no cotidiano (BARBOSA *et al.*, 2019).

Pensando nas vivências de adolescentes que estão em constante transformações, alguns temas que devem ser incluídos em debates de sala de aula são os métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, homossexualidade e a masturbação, pois fazem parte da descoberta do próprio corpo até o envolvimento do ato sexual (MAROLA *et al.*, 2011). Além disso, os jovens estudantes necessitam obter conhecimentos da vida sexual com responsabilidade (MAIA, 2014).

Para refletir sobre as práticas educadoras dos docentes, podemos alinhar o pensamento com a pedagogia de Paulo Freire (1987) onde o ensino deve ser na base do diálogo, com liberdade e busca de conhecimento, possuindo uma relação

harmônica entre professor e aluno, além de que ensinar é criar possibilidades, e não apenas transferir o conhecimento (BARBOSA *et al.*, 2019). Todos possuem crenças e valores familiares, inclusive professores, e o diálogo do saber falar e saber ouvir se torna um meio facilitador para a aprendizagem (MAIA, 2014).

1.4 Escola na contemporaneidade

Na década de 80 aumentaram os índices de gravidez na adolescência e a mídia passou a expor os índices das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e AIDS. Este foi um dos motivos para que a sexualidade entrasse como tema transversal nos PCNs (ASSIS *et al.*, 2021).

Entre as idades de 15 e 19 anos, mais de 21 milhões de adolescentes engravidam em países que são considerados em desenvolvimento. No Brasil entre os anos de 2000 a 2019 a gravidez em adolescentes reduziu taxas em 40,7%. Em alguns países africanos, é evidente que as desigualdades sociais se tornam motivos para a alta elevação de taxas de gravidez na adolescência, em razões de não possuírem uma educação adequada, viver em áreas rurais e mais pobres. Sendo assim, os autores do estudo, denominam que os métodos contraceptivos e o acesso à escola, são fatores importantes para reduzir as taxas. Neste estudo, apenas duas regiões apresentam taxas menores que a média brasileira, o Sul e o Sudeste (MONTEIRO *et al.*, 2021).

O Ministério da Saúde promoveu uma pesquisa em 2012 na qual foram informados 12.446 casos de AIDS entre adolescentes de 15 a 19 anos. Esses resultados condizem que entre os adolescentes ocorre a falta de informações sobre os riscos, sexualidade e ISTs (PALTANIN; LIMA, 2022).

Vitiello (1994) citado por Marola *et al.* (2011) relata que o início da vida sexual dos adolescentes inicia-se aos 15/16 anos. Nos dias atuais, a demanda de trabalhos sobre o tema sexualidade em contexto escolar tem aumentado devido ao início precoce da vida sexual entre os adolescentes. De acordo com Ew *et al.* (2017), as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde constam que meninas brasileiras

iniciam sua vida sexual entre 12 e 16 anos, já os meninos entre os 15 e 17 anos, sem diferenças sociais, de cor e regiões. A falta de um espaço livre para discussões relacionadas à sexualidade, juntamente com a falta de informações, leva os adolescentes a iniciar a atividade sexual sem proteção (EW *et al.* 2017).

A temática sexualidade em âmbito escolar não é de fácil abordagem, apesar de que na atualidade ocorre uma maior liberdade de expressão em relação aos namoros, ao ato sexual fora do casamento e um novo modelo de envolvimento sem existir sentimento, as ficadas. Professores encontram dificuldades por motivos de adolescentes possuírem suas próprias conclusões, através dos meios de comunicação, como a televisão e a internet por exemplo, que remete a diversos padrões e tabus que são herdados dos séculos passados (ASSIS *et al.*, 2021).

Através desses meios de comunicação, os indivíduos em formação “produzem seus próprios valores infundados e fantasiosos, muitas vezes, reforçando o preconceito” sendo mais um obstáculo enfrentado pelos docentes, pois os estudantes não conseguem realizar reflexões e muito menos ter uma visão crítica (ASSIS *et al.*, 2021, p. 13670), além de trazer para a sala de aula aprendizados generalizados sobre a sexualidade (MAROLA *et al.*, 2011).

A abordagem do tema deve ser de forma prazerosa e consciente, estimulando a criatividade e realizando perguntas que permitam explorar e buscar, e não focar apenas em conceitos memoráveis ou relacionados à saúde ou gravidez indesejada. O conceito de sexualidade é muito abrangente, onde reflexões relacionadas a emoções, angústias, sentimentos dos adolescentes podem e devem ser levadas em consideração. Um dos desafios dos docentes é trazer informações de como “lidar com diferenças e estereótipos, sem discriminação” (ASSIS *et al.*, 2021, p. 13674). Os adolescentes estão em uma fase onde existem curiosidades e ao mesmo tempo muitas descobertas, e ao abordar a sexualidade como parte dependente da vida do indivíduo, permite a real compreensão dos seus desejos e vontades (BARBOSA *et al.*, 2019).

Pensando na sexualidade, Louro (2008, p.18) diz:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.

Um dos temas importantes da atualidade é os diversos gêneros existentes. De acordo com Souza *et al.* (2020), em 1997 ocorreu a primeira Parada do Orgulho GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros). As siglas estão em constante mudanças, sendo que Souza (2020, p.2) menciona que “hoje a sigla é LGBTTI+ (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexualidade e símbolo que indica “mais”, que significa a abrangência a outras manifestações de sexualidade, como assexuais, pansexuais, não-binários, entre outros)”.

Vale ressaltar a importância de observar que contemporaneamente ampliou-se a compreensão, as formas e os sentidos de viver os gêneros e a sexualidade, além de que “o único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la” (LOURO, 2008, p. 23).

A atualização na formação dos docentes sobre a sexualidade está em escassez. Devem ser proporcionadas formações baseadas nas adversidades do contexto escolar para que os mesmos possam atender as percepções da realidade dos estudantes, com maior conhecimento e segurança (ASSIS *et al.*, 2021) e estarem devidamente orientados para lidar com preconceitos e discriminação que surgem no cotidiano escolar (WALCZAK; SANTOS, 2020).

De acordo com Altmann (2003, 2007, 2009) citado por Marola *et. al* (2011), uma formação onde a realidade dos adolescentes não é significativa, o desinteresse é gerado por parte dos mesmos. Além disso, quando o assunto é relacionado a gênero e sexualidade o conhecimento e experiências dos alunos muitas vezes são silenciados (WALCZAK; SANTOS, 2020).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos fins, esta pesquisa tem uma abordagem exploratória e descritiva. Quanto aos meios, utiliza uma metodologia de levantamento (Survey) com dados quali-quantitativos. Para coleta de dados, foi selecionado o questionário como instrumento, o qual foi aplicado em um único momento durante o primeiro semestre de 2023, especificamente no mês de maio.

Gil (2008, p. 55) define o levantamento de campo “Survey” como uma pesquisa de “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. São coletadas informações de um grupo significativo de pessoas, para que em seguida os dados obtidos sejam analisados de forma quantitativa, para obter as conclusões. Na maior parte dos levantamentos, não são todos os indivíduos da população que serão pesquisados e estudados, e sim uma amostra significativa desta população. Porém, na conclusão da amostra, é projetada a totalidade do universo. Uma das principais vantagens do levantamento é conhecer de forma direta a realidade da população pesquisada.

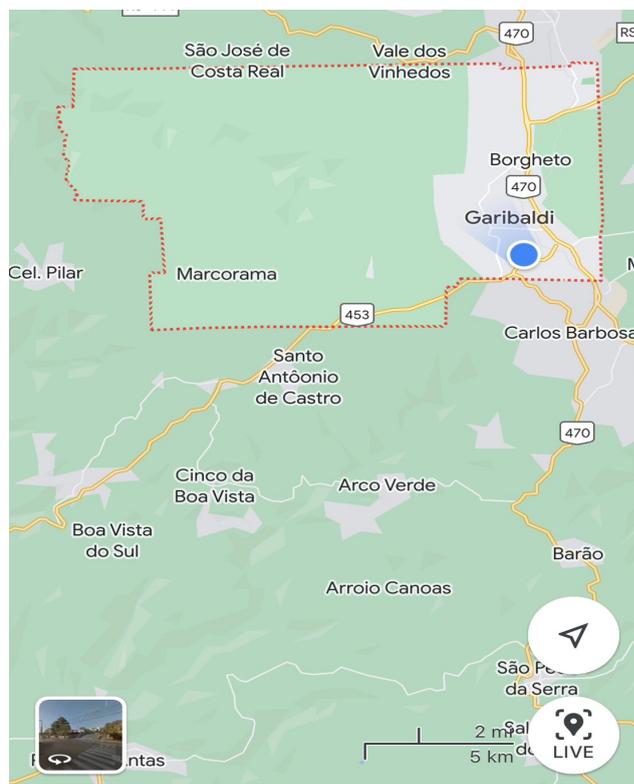
2.1 Área de Estudo

A pesquisa foi realizada no Estado do Rio Grande do Sul (RS) no município de Garibaldi, na Serra Gaúcha, sendo que o município foi escolhido por conveniência. A cidade fundada em 1900, possui uma área geográfica com 169,2 km², localiza-se na latitude 29°15'21"S e a uma longitude 51°32'02"W, contando com

35.070 habitantes de acordo com o último censo realizado em 2019. Garibaldi possui 3 escolas que oferecem o Ensino Médio, sendo uma delas particular.

A pesquisa foi conduzida em uma das três escolas de Ensino Médio localizadas em Garibaldi. A escola selecionada está situada em uma área urbana e oferece educação em diferentes turnos, abrangendo estudantes tanto da zona urbana quanto rural. Além disso, essa escola é reconhecida por sua infraestrutura de qualidade e conta com uma equipe gestora engajada e comprometida em promover constantes melhorias na educação oferecida aos alunos.

Figura 1: Localização geográfica do Município de Garibaldi.



Fonte: Google Maps (2023)

2.2 População e Amostra

No presente estudo, definiu-se por população o universo de professores e estudantes de uma das escolas de ensino médio do município de Garibaldi.

A escolha da escola foi por conveniência, pela disponibilidade da equipe diretiva e facilidade no acesso aos professores e estudantes. Desta forma, a logística necessária às atividades relacionadas a coleta de dados foi facilitada.

No universo dos professores, a escola conta com cerca de 30 profissionais de todas as áreas de conhecimento com curso superior trabalhando em sala de aula ou gestão escolar. Todos foram convidados a responder o questionário, sem distinção de função ou tempo de trabalho. Foram considerados incluídos no levantamento de dados, todos aqueles que responderam o questionário no prazo de 7 dias após o envio do link. Os questionários que não foram preenchidos na sua totalidade foram excluídos da análise. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos professores é a primeira parte do formulário digital.

No universo dos estudantes, a escola possui diferentes turnos em que o ensino médio é ofertado e todos os estudantes de um dos turnos foram convidados a responderem o questionário. Atualmente a escola possui 6 turmas e cerca de 100 estudantes matriculados no ensino médio do turno escolhido para a amostra.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis pelos estudantes, foi explicado presencialmente e entregue duas vias para os estudantes levarem para casa. Uma das vias retornou a escola assinada pelos responsáveis para que os estudantes participassem da atividade de levantamento de dados. Nesse momento foi reiterada a não obrigatoriedade em participar da coleta de dados e como funcionaria com os estudantes que não trouxeram o documento assinado.

Constituíram critérios de inclusão dos estudantes: os que apresentarem Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por um dos seus responsáveis e estiverem presentes no dia da aplicação do questionário. Estudantes que não quiseram participar da pesquisa deveriam marcar a opção NÃO no questionário e entregar a folha junto com os demais, ficando dessa forma, mantido o sigilo em relação a quem optou por participar ou não do levantamento de dados. Ao fim da atividade, cada estudante ficou com uma cópia do questionário em branco para apresentar aos pais conforme previsto no TCLE.

Esta pesquisa atendeu à Resolução MS nº 466/12 sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Univates para avaliação de sua viabilidade (Parecer n. 6.008.014).

2.3 Instrumento de coleta de dados

A pesquisa contou com dois questionários específicos: um para professores e um para os estudantes. As perguntas foram elaboradas pela autora do presente projeto tendo como eixo norteador os objetivos e estudos realizados na área por BARBOSA *et al.* (2019).

O questionário elaborado para os professores contou com 9 perguntas de respostas fechadas e 3 de respostas abertas e o questionário elaborado para os estudantes possuía 7 perguntas de respostas fechadas e 3 de respostas abertas.

O questionário para os professores foi elaborado no Google Forms e o link de acesso foi enviado por email para a direção da escola. A direção, através do aplicativo Whatsapp, enviou aos professores o link do Google Forms com uma breve explicação da pesquisa e o prazo de preenchimento. Quem possuía o link tinha acesso ao TCLE e ao questionário da coleta de dados. Ao acessar o link os professores não tiveram seus endereços de e-mail coletados e nem foram obrigados a participar.

O questionário dos estudantes ocorreu de forma presencial. Foi impresso e entregue para os estudantes 2 cópias: uma das cópias foi respondida por aqueles que assim o quiserem, e outra para apresentarem aos responsáveis que assinaram o TCLE. Vale ressaltar que só participaram desta etapa os alunos que trouxeram o TCLE assinado por um dos responsáveis.

O tempo médio para responder o questionário, tanto para professores quanto para os estudantes, foi de 10 minutos.

2.4 Análise de dados

A análise dos questionários foi iniciada com a transcrição literal das respostas dos estudantes em uma planilha do software Microsoft Excel.

Como não existe identificação dos estudantes ou dos professores, cada um dos questionários foi identificado apenas por P1, P2... e E1, E2... e assim sucessivamente.

A tabulação dos dados facilitou a interpretação dos resultados e gerou gráficos e informações percentuais das respostas fechadas.

Com respostas abertas, foi realizada uma categorização com termos similares e análise de conteúdo.

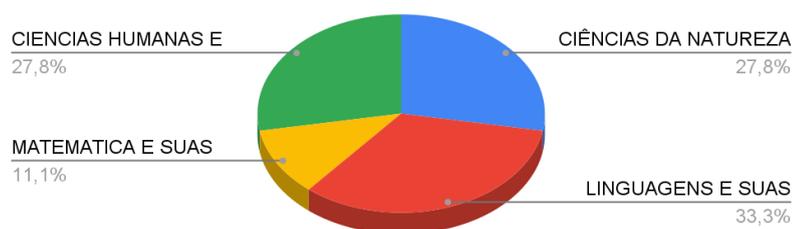
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos questionários, daqui em diante iremos aprofundar os resultados encontrados e iniciaremos uma discussão aprofundada sobre as percepções de professores e estudantes do ensino médio sobre a sexualidade, explorando os múltiplos aspectos que foram identificados através da análise dos dados coletados.

3.1 Universo professores

O universo de professores pesquisados conta com 18 professores, na qual 33,3% fazem parte da área de linguagens e suas tecnologias, 27,8% da área de ciências da natureza e humanas, e os demais da área de matemática e suas tecnologias (Gráfico 1). Ao observarmos que a maior parte dos professores investigados possui uma experiência de 5 a 10 anos em sala de aula, e alguns acumulam mais de duas décadas de atuação, obtemos uma visão abrangente da expertise e conhecimento dos docentes que participaram do estudo. Esses dados são essenciais para contextualizar os resultados obtidos e analisar os dados em relação à amostra de professores pesquisados, fornecendo uma perspectiva mais completa e embasada sobre as percepções e práticas educacionais no contexto estudado.

A) ÁREA DO CONHECIMENTO



B)TEMPO QUE ATUA EM SALA DE

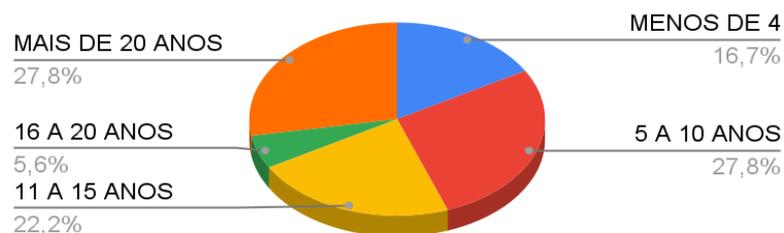


Gráfico 1 : Composto através das respostas dos professores.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao analisarmos as respostas dos professores, nas questões sobre quais as palavras que são lembradas ao ouvir o termo “educação sexual” e “sexualidade”, podemos destacar em relação à educação sexual a palavra conhecimento, seja ele do reconhecimento e descobertas do seu corpo, assim como o conhecimento em relação ao sexo, envolvendo proteção, gravidez indeseja e doenças. Para Gonçalves *et al.* (2013) a educação sexual no contexto escolar tem como objetivo preparar professores para auxiliar os estudantes a superarem suas dúvidas, ansiedades e preocupações em relação à sexualidade. O termo sexualidade é lembrado pelos docentes como gênero, a descoberta de seu corpo e seus prazeres. As suas percepções em relação à educação sexual, refere-se a educação como saberes coletivos, de si e do próximo, visando a proteção e prevenção, diferindo da sexualidade, sendo algo individual, visando as percepções de cada um.

Professores ao serem indagados sobre desenvolver alguma atividade na escola relacionada à sexualidade, 55,6% responderam que não, enquanto 33,3% professores responderam que sim, e que fazem referências a suas escolhas e respeito (Gráfico 2). Dentre esses quatro professores, um disse que não aborda sobre os tipos de gênero e opções sexuais. Dois professores mencionam que realizam através de conversações informais e dois não responderam. Observou-se nesta questão que de maneira geral, a escola não tem contribuído para a formação de conhecimentos sobre sexualidade e seu desenvolvimento. Na visão de Ferreira *et al.* (2014) considerar a sexualidade como um aspecto integral da identidade de um

indivíduo, principalmente com os adolescentes que estão em um estágio de descobertas e curiosidades, é oferecer oportunidade para que eles se envolvam ativamente com seus desejos e interesses. O contexto escolar, reconhecido como um espaço democrático onde ocorre a troca de conhecimentos, pode desenvolver discussões de temas que são capazes de desenvolver cidadãos críticos e conscientes. Portanto, é visto como necessário que a escola faça parte das discussões a respeito da sexualidade, dispondo-se dos princípios de uniformidade e respeito, pensando em aspectos históricos e biopsicossociais. Uma pesquisa realizada por Barbosa *et al.* (2019), em duas cidades do interior, sendo uma delas no estado de Pernambuco e outra no estado do Rio Grande Do Sul, onde um dos objetivos era expor a concepção de adolescentes que estão nos anos finais do ensino fundamental, além de envolver familiares e a escola em relação a temática sexualidade, tem como um dos resultados que a educação sexual na escola não possui estabilidade, além dos professores não estarem devidamente preparados para abordar a temática. Os autores ainda mencionam o fato da educação sexual ser essencial no contexto escolar, pois oferece discussões e conhecimentos em relação ao tema estudado.

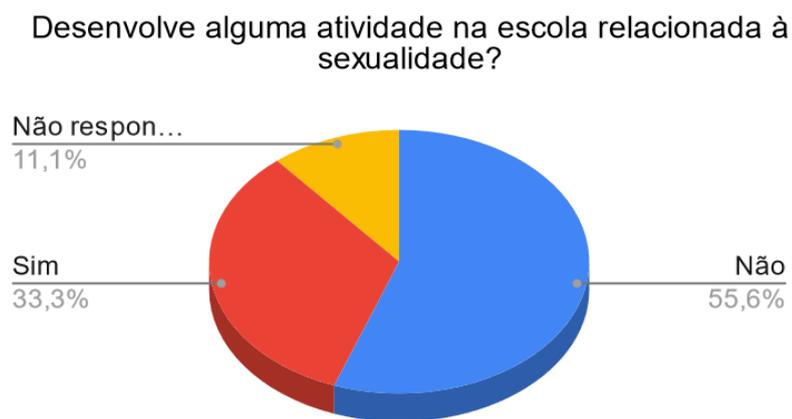


Gráfico 2: Desenvolvimento de atividades relacionadas com a temática sexualidade

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao serem questionados sobre trabalhar sexualidade em sala de aula, dos dezoito professores 55,6% responderam que não trabalham, 27,8% trabalharam no último ano e 16,7% já trabalharam, mas não lembram quando (Gráfico 3). Dos 8 professores que responderam que já trabalharam, 3 são da área de ciências da natureza, 3 da área de ciências humanas, 1 de linguagens e 1 de matemática.



Gráfico 3: Respostas dos professores em relação se já trabalharam/trabalham sexualidade em sala de aula.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Combinando-se os resultados com o tempo de sala de aula, percebe-se que a grande parte dos professores que já trabalharam sexualidade estão a um tempo considerável em sala de aula (mais de 5 anos). É importante ressaltar que a grande parte dos professores que estão a bastante tempo em sala de aula, nunca trabalharam sobre a sexualidade. Ao relacionarmos a multidisciplinaridade com a orientação sexual, é possível conectar várias áreas de conhecimentos, permitindo que o estudante tenha um olhar diverso e amplo nos aspectos envolventes da sexualidade (Ferreira *et al.*, 2014). O professor da área de linguagens, por exemplo, pode trabalhar o tema da sexualidade na sala de aula por meio de abordagens interdisciplinares, utilizando recursos como leitura de textos literários, discussão de obras cinematográficas, análise de letras de músicas e produção de textos reflexivos. Dessa forma, é possível promover a reflexão crítica, o diálogo aberto e respeitoso, e a ampliação do repertório cultural dos estudantes, contribuindo para uma educação sexual mais inclusiva, consciente e livre de preconceitos.

Professores quando questionados sobre se sentir seguros ao abordar a sexualidade em sala de aula, em sua maioria, responderam que sim (Gráfico 4).



Gráfico 4: Segurança ao abordar a temática em sala de aula.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O motivo pelo qual os professores responderam “sim” é pelo nível de importância do assunto e por se sentirem preparados para abordar. Os demais na qual se encaixam “parcialmente, parcialmente sim e não”, são por motivos na qual os alunos não levam a sério. Além disso, a maioria menciona a falta de preparo do professor para abordar o tema de uma forma qualificada, para evitar conflitos e más interpretações, além da diversidade atual ser um grande desafio. Por fim, os que não se sentem seguros para abordar sexualidade, as respostas são bem parecidas com as anteriores, na qual envolve a diversidade, a falta de preparo em saber como abordar o tema e o fato de gerar discussões durante a abordagem. Conforme Assis *et al.* (2021), no âmbito escolar ocorre muita diversidade em relação à sexualidade, e por este motivo, elas podem contribuir para a criação de um campo crítico, diminuindo as atitudes inconvenientes em relação à diversidade.

Sobre o questionamento "se já participou de alguma formação em relação à sexualidade", 55,6% dos professores não participaram e 38,9% participou, porém não lembra quando, o que nos mostra uma situação precária em relação a conhecimentos sobre a sexualidade (Gráfico 5). O resultado de uma pesquisa

realizada por Gesser *et al.* (2015), citada por Barbosa *et al.* (2019), cujo objetivo era “identificar as concepções de sexualidade de docentes que atuam na rede de educação básica (p. 44)” mostrou que a maioria dos professores que participaram não possuem formação inicial e continuada em relação a gênero e sexualidade.

Barbosa *et al.* (2019), cita e concorda com Santos *et al.* (2016):

Ao ressaltar que a escola deve investir na formação continuada dos seus educadores, a fim de aprimorar a sua qualificação. Assim como é necessário investir na formação iniciada e continuada com vistas à formação de educadores sexuais que atuem na linha da abordagem emancipatória.

É imprescindível investir na formação dos professores, para que eles consigam lidar com os questionamentos e as problematizações que acontecem durante o processo de ensino (Gonçalves *et al.* 2013).



Gráfico 5: Participação de formação em relação a sexualidade.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao realizarmos algumas combinações de respostas percebemos que 22,3% dos professores não se sentem seguros em abordar a temática, mas em algum momento de sua trajetória já tiveram alguma formação relacionada a sexualidade, os mesmos estão a mais de 5 anos atuando em sala de aula. Já 22,2% dos professores que não se sentem seguros de alguma maneira para abordar a temática, não possuem formação e também estão a mais de 5 anos atuando em sala de aula. O

que impressiona, é que em uma proporção maior que as análises anteriores, 55,5% dos professores se sentem seguros ao abordar o tema mesmo não possuindo nenhuma formação e estando a tempo em sala de aula (mais de 5 anos). Aos que atuam a menos de 5 anos, praticamente todos se sentem seguros ao abordar o tema, possuindo ou não formação relacionada.

Vale ressaltar que o P.5 que está de 11 a 15 anos atuando em sala de aula na área de linguagens, apesar de não possuir nenhuma formação relacionada à sexualidade, se sente seguro pois acredita que o tem conhecimento necessário para abordar o tema, apesar de nunca ter abordado, mas pretende através de textos.

Analisando e realizando combinações entre a questão sobre trazer suas crenças e culturas ao abordar a temática (Gráfico 6) e a questão se já trabalhou sexualidade em sala de aula (Gráfico 3), podemos perceber que dos 8 professores que já trabalharam sexualidade em sala de aula, 4 deles não trouxeram suas experiências. Os outros 4 professores que também já trabalharam a sexualidade, já trouxeram suas experiências para o contexto escolar. Entretanto, dos 10 professores que não trabalharam, 8 deles não trariam suas experiências, crenças e culturas para a sala de aula. Além disso, apenas 2 professores apesar de não terem trabalhado, trariam sim, suas experiências em relação ao tema. Nesta perspectiva, podemos refletir através de Paulo Freire (2016, p.69) onde menciona no livro “Pedagogia da autonomia” a seguinte discussão:

Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Está, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.

Seguindo neste sentido, professores podem e devem se posicionar mediante a suas experiências, ser forçar uma neutralidade, mas que fique evidente o respeito entre estudante e professor, além de demonstrar para o estudante, que ele também possui o direito de se posicionar mediante a assuntos.

Se você já trabalhou a temática ou irá trabalhar, você trouxe ou pretende trazer suas experiências, culturas, crenças, sobre sexualidade em sala de aula?

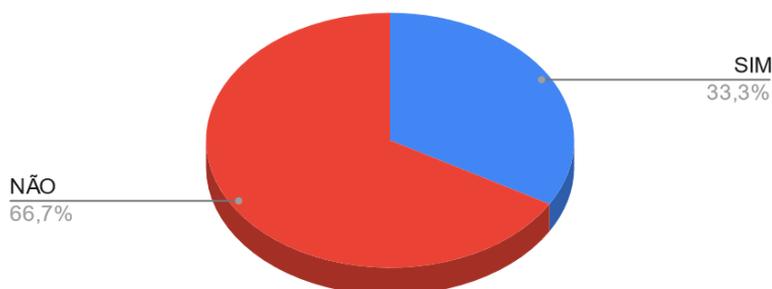


Gráfico 6: O professor trouxe suas experiências para sala de aula.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao serem inquiridos sobre a responsabilidade de trazer a temática sexualidade no contexto escolar, 77,8% dos professores, fora da área de biologia, sentem a responsabilidade de trazer o assunto em suas aulas (Gráfico 7). Através da análise de respostas realizada por meio do Microsoft Excel, os professores que responderam que não se sentem responsáveis, são das áreas de ciências da natureza (2), humanas (1), linguagens (1).

Você como professor de outra área de formação, fora de ciências biológicas, se sente responsável por trazer a temática sexualidade para a sala de aula?

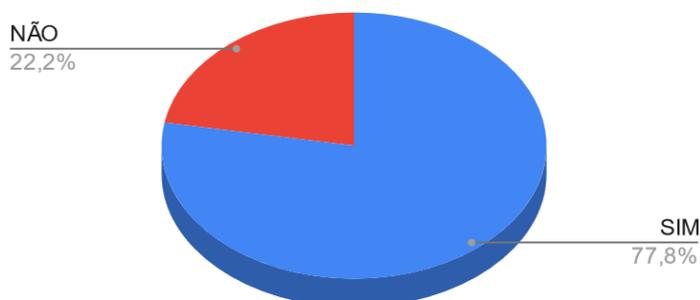


Gráfico 7: Responsabilidade em trazer a temática sexualidade para a sala de aula

Fonte: elaborado pela autora (2023)

De acordo com Leite e Meirelles (2021), a Base Nacional Comum Curricular é um documento obrigatório para o planejamento dos professores. No entanto, sua estrutura não menciona o termo "gênero" em relação às disciplinas de Ciências da Natureza ou Biologia, embora seja citado apenas uma vez em Língua Portuguesa e Literatura. Quanto à temática da sexualidade, foram identificadas 5 citações, mas nenhuma delas aborda o ensino com ênfase na valorização e igualdade do indivíduo. Isso resulta na perda do propósito da temática da sexualidade em relação à educação, tornando-a praticamente inexistente. Com base na pesquisa realizada, dos professores participantes questionados sobre a abordagem da educação sexual na BNCC do ensino médio, 44,4% acreditam que o documento é parcialmente abrangente, inclusivo e democrático, enquanto 22,2% o consideram totalmente abrangente. Além disso, 16,7% não souberam responder e 16,7% não consideram a BNCC abrangente, inclusiva e democrática (Gráfico 8).

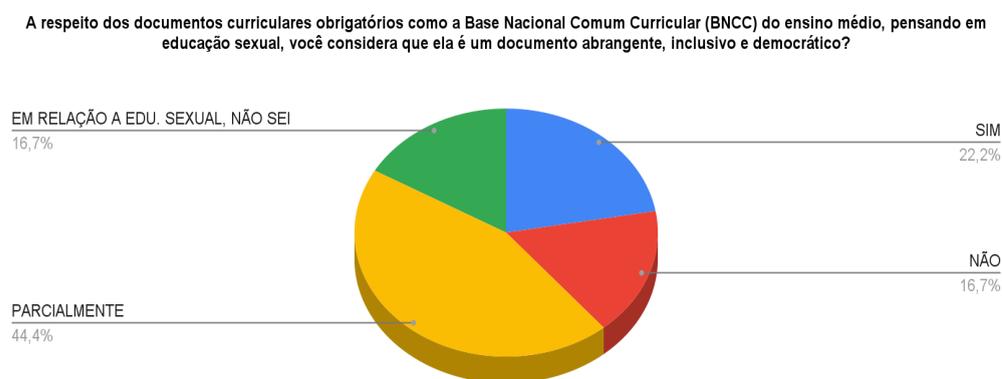


Gráfico 8: BNCC é abrangente em relação à sexualidade?

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao serem questionados de que forma poderia ser realizada a abordagem da temática sexualidade no contexto escolar, de 18 professores, 9 citam palestras como uma das formas de abordagem, e os demais citam de rodas de conversa, fazer algo mais dinâmico e atrativo para os estudantes, através de conhecimentos confiáveis, além de ser uma metodologia interdisciplinar e não focada apenas em biologia. A vista disso, Gonçalves *et al.* (2013) frisa sobre a importância das ações relacionadas

à sexualidade no âmbito escolar. Para atingir os adolescentes de forma eficaz é proposto que as práticas relacionadas à temática devem ser promovidas, organizadas e planejadas durante o ano todo, e não apenas uma única vez. Didáticas prontas e palestras realizadas uma vez ao ano, não correspondem com diálogos permitindo que os estudantes adolescentes continuem com dificuldades para sanar suas dúvidas. Os autores ainda destacam:

Por meio destas atividades, deve-se buscar a manutenção de um processo permanente de ação e reflexão, desenvolvendo atividades em que os adolescentes possam sugerir os temas a serem discutidos, partindo da realidade e de seus interesses. As atividades em grupos, organizadas de maneira prazerosa e com a participação dos adolescentes, discutindo de forma ativa, com questionamentos, troca de informações, de forma respeitosa, livre e enriquecedora, são uma das alternativas que se tem para trabalhar de forma emancipatória a educação sexual (Gonçalves *et al.*, 2013, p. 260).

3.2 Universo estudantes

O questionário dos estudantes conta com 37 participações e os estudantes têm em sua maioria a faixa etária de 15 a 16 anos, seguindo de 17 a 18 anos, e apenas um participante maior de 18 anos. Sendo que dentre esses estudantes, 37,8% são do primeiro ano, 27% no segundo ano e 37,1% estão no terceiro ano (Gráfico 9).

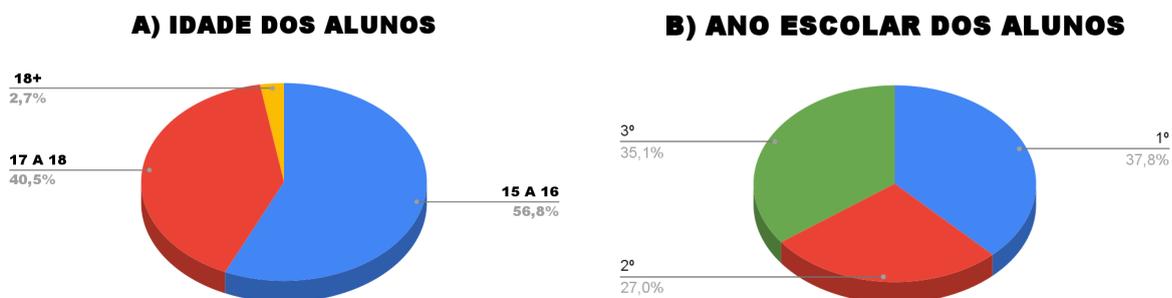


Gráfico 9: Composto através das respostas dos estudantes.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Revelou-se a presença de três categorias distintas de palavras que foram lembradas quando questionados sobre o que vem à mente ao ouvirem a palavra "sexualidade". Essas categorias incluíam "gênero" citada 16 vezes, "doenças" e "sexo", ambas citadas 3 vezes. A partir dessa identificação, é possível observar diferentes perspectivas e associações que os estudantes têm em relação à sexualidade, abrangendo desde a compreensão das questões de identidade e expressão de gênero até preocupações relacionadas a doenças e a dimensão física e prazerosa do sexo. Essas categorias fornecem informações para compreender as percepções e o repertório de conhecimentos dos estudantes no que diz respeito ao tema da sexualidade. A adolescência é denominada como uma fase de construção social e que está em constante modificações, pois a sociedade em que está inserido tem grandes influências (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Analisando as respostas dos estudantes em relação à questão sobre sexualidade podemos perceber que todas as turmas possuem suas percepções bem parecidas. Palavras em comum como gênero, orientação sexual, sexo, identidade foram citadas pelos estudantes. Vale ressaltar que o E.27 e E.28 mencionam "gênero feminino e masculino" o que evidencia a falta de conhecimento em relação aos conceitos. Na adolescência, o significado de sexualidade é singular, pois o adolescente começa a construir sua identidade sexual e sua habilidade reprodutiva. Sendo assim, evidencia-se que é fundamental compreender as concepções dos adolescentes em relação à sexualidade, pois o entendimento ajudará a minimizar os problemas pessoais e sociais. Além disso, o adolescente ao obter informações sobre sua própria sexualidade durante seu desenvolvimento, muda seus conhecimentos sobre sua vida, seu corpo, sendo consciente de seus desejos e responsabilidades, podendo ser despertado para viver sua sexualidade de forma prazerosa e tranquila. (BARBOSA *et al.*, 2019). É como menciona Louro (2008), as formas de entender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade está se proliferando e é inevitável desconsiderar as implicações que isto está causando. São novas formas de

vivenciar a sexualidade, mesmo não sendo de forma direta. Salieta-se que é provável que o termo “gênero” apareça em maior proporção nas respostas dos estudantes, pois tem relação com suas vivências sexuais e a atual diversidade. Já o termo “doenças” é citado pois são assuntos que a escola costuma abordar, como mostra os resultados e discussões a seguir.

Quando questionados sobre os temas discutidos na escola, os estudantes destacaram as doenças e infecções como os assuntos mais abordados no contexto educacional (Gráfico 10). Essa resposta revela a ênfase dada à informação sobre infecções transmissíveis relacionadas à saúde sexual, sugerindo que esses tópicos têm recebido atenção considerável nas discussões escolares. Tal destaque ressalta a importância da educação sexual abrangente, que aborda não apenas os aspectos negativos e os riscos, mas também promove uma compreensão holística da sexualidade, incluindo aspectos relacionados ao prazer, relacionamentos saudáveis, consentimento e respeito mútuo.



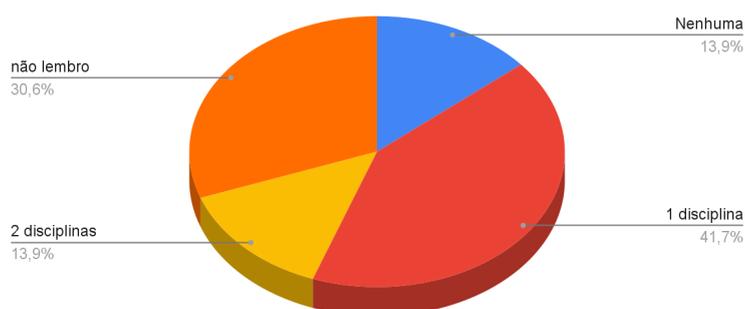
Gráfico 10: Questão de múltipla escolha sobre os assuntos discutidos na escola.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Dentre as respostas citadas, a disciplina protagonista de assuntos relacionados à sexualidade, o que não é uma surpresa, é a biologia (Gráfico 11). Para Barbosa *et al.* (2019), o fato da educação sexual ser vista principalmente nas

disciplinas de ciências e biologia está ligado à historicidade, e ainda salienta a importância do diálogo entre os professores, seja qual disciplina for, para que ocorra a transversalidade do tema, sendo um assunto a ser trabalhado de forma contínua. A sexualidade é uma dimensão própria na vida humana, que percorre durante toda a vida. É por esse motivo, que todas as dúvidas relacionadas a ela, devem ser sanadas com total responsabilidade, sendo sempre discutidas com objetivos claros para que cada um possa vivenciar a sua própria sexualidade de forma respeitável e responsável.

A) EM QUANTAS DISCIPLINAS DO ENSINO MÉDIO VOCÊ LEMBRA QUE OS TEMAS RELACIONADOS A SEXUALIDADE FORAM DISCUTIDOS?



B) DISCIPLINAS EM QUE O TEMA SEXUALIDADE FOI DISCUTIDO/TRABALHADO

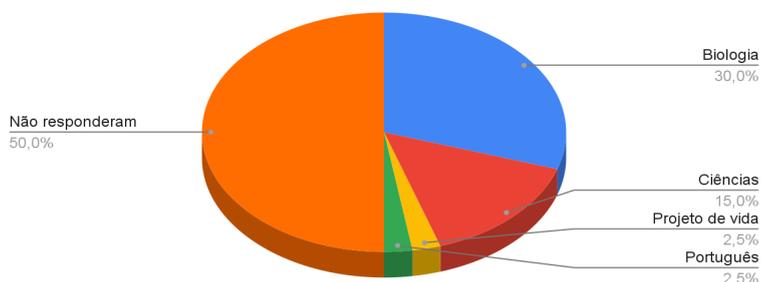


Gráfico 11: Disciplinas que foram trabalhadas a temática sexualidade

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O conceito de sexualidade segundo a OMS é muito abrangente e envolve diversos fatores relacionados ao ser. Através disso, os estudantes julgam ser um assunto importante a ser abordado dentro de sala de aula (Gráfico 12). Ao serem questionados do porquê da resposta escolhida, em sua maioria, argumentam que é para fins de conhecimento e porque é um assunto que está muito presente no dia a dia. Analisando as respostas de acordo com o ano em que os estudantes estão inseridos, o primeiro ano, alega que a sexualidade em sala de aula é importante pois é um assunto a ser levado mais a sério, onde o adolescente está em fases de descobertas e além disso, para o conhecimento em geral. O segundo e terceiro ano relatam que é importante a abordagem da temática sexualidade principalmente por conhecimento e ainda, o terceiro ano enfatiza a conscientização e o respeito em relação à comunidade.



Gráfico 12: Importância de trabalhar a temática sexualidade em sala de aula, considerando a conceituação da OMS em relação a sexualidade.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

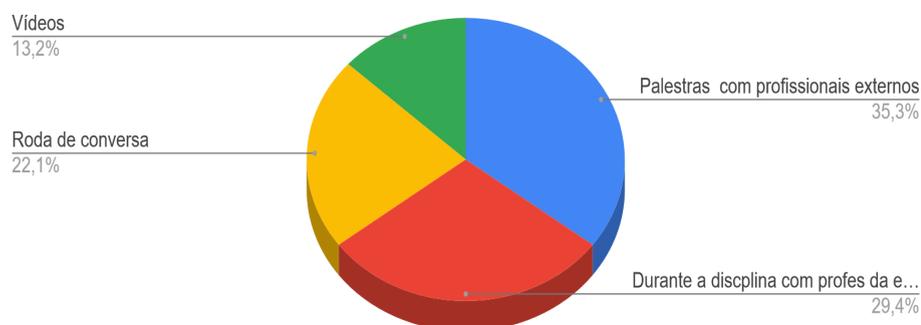
Ao analisar as respostas da questão “Caso fosse abordado o tema sexualidade na sua escola, que assuntos você gostaria que fossem discutidos? Tente citar pelo menos três (3) assuntos em ordem de importância”, nota-se que os estudantes demonstram interesse em discutir assuntos relacionados a DSTs, gênero, prevenção e orientação sexual. A aplicação da Educação sexual desde a adolescência é indispensável. O intuito é promover atitudes e relacionamentos relacionados à sexualidade de uma forma saudável e segura (BARBOSA *et al.*, 2019). Os estudantes do primeiro ano, em sua maioria cita palavras como Tabu,

gravidez, DSTs, higiene, orientação sexual, gênero, preservativos, prevenção sendo temas de interesse. Os estudantes do segundo ano, citam palavras como preservativos, gênero, pronome de aceitação, higiene, DSTs, prevenção. Já os estudantes do terceiro ano, mencionam gênero, DSTs, gravidez, prevenção, sexo. Podemos perceber que apesar das diferenças entre idades e ano escolar, todas as turmas possuem semelhanças entre os assuntos que são de interesse próprio. Gênero, prevenção e DSTs são os temas que ganham destaque como mais citados, demonstrando a importância de ouvir os estudantes e realizar projetos relacionados com temas de seus interesses e com base na sua realidade. Para Louro (2008), a cultura ensina e ensaia os vários métodos de experimentar prazer e desejo, bem como dar e receber afeto. As formas de amar e ser amado diferem entre culturas, épocas e gerações. Na contemporaneidade, as múltiplas formas que os gêneros e sexualidades podem ser vivenciadas têm crescido exponencialmente. Isso tudo, ao mesmo tempo que é surpreendente é estremecedor. No entanto, não há como evitar a contemporaneidade e fugir dos desafios.

Vale ressaltar que todos os estudantes mencionam DSTs, apesar do Ministério da saúde modificar a expressão para ISTs, visto que uma pessoa que não possui sinais e sintomas, pode adquirir a infecção e transmiti-la (Ministério da Saúde, site digital).

Nas questões 8 e 9, foi solicitado para que os estudantes classificassem suas respostas de acordo com a ordem de importância. Dentre os 37 estudantes, apenas 8 responderam à questão 8 da forma solicitada e os demais apenas realizaram marcações. Como não houve interferência nas respostas dos questionários, as questões 8 e 9 foram analisadas como múltipla escolha (Gráfico 13).

A) Formas de abordagem dos assuntos de interesse dos estudantes



B) As informações sobre sexualidade foram aprendidas com quem?

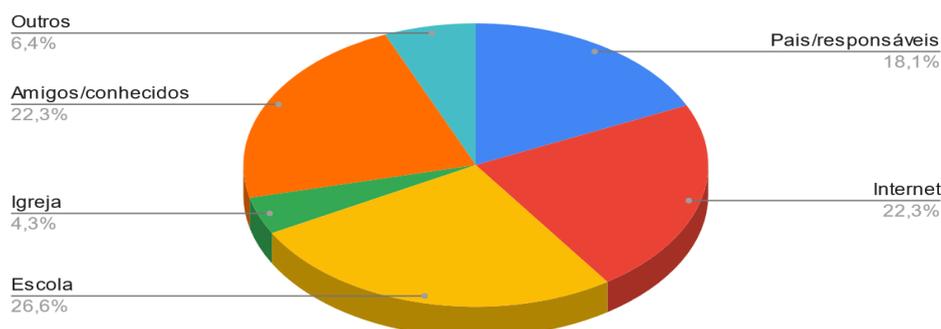


Gráfico 13: Formas de abordagem e informações aprendidas em relação a sexualidade

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A educação sexual no contexto escolar é de extrema importância e muito necessária, visto que a escola desempenha um papel fundamental na informação e formação do indivíduo, abordando não apenas os aspectos biológicos, mas também os aspectos psicológicos e sociais relacionados à sexualidade (BARBOSA et al., 2019). Através de uma abordagem abrangente e inclusiva, a educação sexual pode fornecer aos estudantes conhecimentos fundamentais sobre seu próprio corpo, desenvolvimento sexual, prevenção de doenças, contracepção, relações saudáveis,

consentimento, diversidade sexual e gênero, entre outros tópicos relevantes. Além disso, ao promover uma educação sexual adequada, a escola contribui para a formação de indivíduos mais conscientes, responsáveis e capazes de tomar decisões informadas e respeitadas em relação à sua sexualidade. É por meio dessa educação que se busca combater mitos, estigmas e tabus, promovendo a saúde, o bem-estar e a segurança sexual dos estudantes, preparando-os para uma vida adulta saudável e plena.

Ao final do questionário, nota-se que a maioria dos estudantes optou por não interagir com a pesquisa e poucos acrescentaram que gostaram da iniciativa. Outros, citaram que é de tamanha importância este assunto ser trabalhado em sala para que os estudantes adquiram conhecimento sobre o assunto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa forneceram percepções importantes em relação aos objetivos específicos propostos. No que diz respeito ao primeiro objetivo, que consistia em analisar a abordagem dos docentes em relação ao tema e aos documentos estabelecidos, observou-se uma diversidade de percepções e níveis de segurança por parte dos professores. Alguns demonstraram ter recebido formação específica e se sentiram seguros ao abordar a sexualidade, enquanto outros relataram falta de segurança e ausência de formação relacionada.

Em relação ao segundo objetivo, que visava analisar as possíveis formações dos docentes em relação ao tema, constatou-se que muitos professores já tiveram alguma formação anteriormente, porém, nem todos se sentem seguros em abordar a sexualidade em sala de aula. Diante disto, se faz necessária ter uma atenção especial à formação de qualidade dos educadores, além de um ambiente seguro para que possam se sentir confortáveis ao trazer a temática para sala de aula.

Quanto ao terceiro objetivo específico, que buscava descrever as percepções dos estudantes sobre o tema, constatou-se a predominância das palavras relacionadas a doenças e infecções, indicando que esse é um tópico amplamente discutido no contexto escolar. No entanto, é importante ressaltar a necessidade de abordar a sexualidade de maneira mais abrangente, contemplando aspectos como afetividade, gênero, consentimento e diversidade sexual.

Em relação ao quarto objetivo específico, que visava avaliar as necessidades dos estudantes em relação ao tema, identificou-se a curiosidade e o interesse dos alunos em obter informações sobre a sexualidade. Isso ressalta a importância de fornecer um ambiente seguro e educativo, no qual os estudantes possam ter acesso a orientações adequadas e tirar suas dúvidas de maneira acolhedora, favorecendo a conscientização em relação a suas escolhas, sua sexualidade e cuidados com seu próprio corpo.

Portanto, os resultados desta pesquisa contribuíram para uma compreensão mais aprofundada da percepção dos docentes e estudantes do ensino médio em relação à sexualidade. Apesar de algumas lacunas e desafios identificados, esses achados fornecem subsídios para aprimorar as práticas educacionais, enfatizando a importância da formação dos professores e da promoção de um ambiente de diálogo aberto e inclusivo sobre a sexualidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, F.P.; DUQUE, T. Gênero e sexualidade no espaço escolar: experiências das/os professoras/es nas escolas de Mato Grosso do Sul. **Scientia Prima**, Feliz, MS, v. 7, n. 1, p. 1-25, nov. 2021. Disponível em: <<https://abric.org.br/ojs/index.php/scientiaprima/article/view/44>>. Acesso em: 9 out. 2022.

ASSIS, G.A.F.; SOUZA, E.E.F.; BARBOSA, A.G. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, PR, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, fev. 2021. DOI: <<https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-130>>. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24374>>. Acesso em: 14 ago. 2022.

BARBOSA, L.U.; VIÇOSA, C.S.C.L.; SOUSA, B.S.A.; FOLMER, V. O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência. **ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE**, v. 12, n. 2, p. 31-49, ago. 2019. DOI: <<https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i2.a21625>>. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21625>>. Acesso em: 25 set. 2022.

BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, mar. 1993. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100024>>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anp/a/W59S8nqc5BgP3ZYwgdqgdkF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>>. Acesso em: 2 set. 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf>. Acesso em: 9 out. 2022.

CAMARGO, S.A.P.; NETO, L.F.S. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, jan. 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2017v19i4a1>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

EW, R.A.S.; CONZ, J.; FARIAS, A.D.G.O.; SOMBRIO, P.B.M.; ROCHA, K.B. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, MG, v. 11, n. 2, p. 51-60, dez. 2017. DOI: 10.24879/2017001100200155. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-1247201700020007>. Acesso em: 8 out. 2022.

FERREIRA, G.T.A.; ARAÚJO, C.W.C.; OLIVEIRA, K.A. Gênero, sexualidade e orientação sexual em Senhor do Bonfim /BA. **Extendere**, v. 2, n. 1, p. 116-176, 2014. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/EXT/article/view/4106>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GIL, A.C. Delineamento da pesquisa. In: GIL, A.C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo: Ed. Atlas, 2008, 49-59. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-d-e-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GONÇALVES, R.C.; FALEIRO, J.H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v.5,p. 251-263, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2013.784>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

LEITE, V.S.M.; MEIRELLES, R.M.S. Perspectivas curriculares sobre a temática gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia: controvérsias no PCN e na BNCC?. **Revista Teias**, v. 22, n. especial, p. 29-48, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.61586>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/61586>>. Acesso em: 8 out. 2022.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 28 ago. 2022.

MAIA, A.C.B. Sexualidade e educação sexual. **UNESP**, 10 jun. 2014. Disponível em:
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

MAROLA, C.A.G.; SANCHES, C.S.M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 33, p. 95-118, dez. 2011. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MENEZES, E.T.V. DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em:
<<https://www.educabrasil.com.br/dcns-diretrizes-curriculares-nacionais/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MONTEIRO, D.L.M.; MONTEIRO, I.P.; MACHADO, M.S.C.; BRUNO, Z.V.; SILVEIRA, F.A.; REHME, M.F.B.; TAKIUTI, A.D.; RODRIGUES, N.C.P. Trends in teenage pregnancy in Brazil in the last 20 years (2000-2019). **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 67, n. 5, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20210265>. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ramb/a/M85fFkGNHvbdjsWTP5XPCKp/?lang=en>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Saúde Sexual. **Definição de Sexualidade**. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2>. Acesso em: 5 set. 2022.

PALTAMIM, S.V.; LIMA, U.T.S. Incidência das infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes com idade entre 13 e 19 anos residentes no município de Cascavel entre os anos de 2010 e 2020. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31908>. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31908>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SEMEM, C.J.; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Barbarói**, n. 49, p. 166-189, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.6420>. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6420>>. Acesso em: 01 out. 2022.

SILVA, M.J. Questões de gênero e orientação sexual no currículo, a partir da BNCC. **Anais IV CONEDU**, dez. 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/38443>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, D.A.A.; NASCIMENTO, G.C.M.; COMIN, F.S. Revelar-se homossexual: percepções de jovens adultos brasileiros. **Cienc. Psicol.**, v. 14, n. 2, p. 1-13, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2229>. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S1688-42212020000220207&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

WALCZAK, A.T.; SANTOS, E.G. Mapeando discussões de gênero e sexualidade no ENPEC e na ANPED Sul. **Revista Cocar**, v. 14 n .28, p.207-225, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3117>>. Acesso em: 27 ago. 2022.